

A TERRÍVEL SOMBRA DO BARROCO

CARLOS DE AZAMBUJA RODRIGUES, PHD
PROF. ASSOCIADO DA UFRJ- UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, BRASIL
COORDENADOR DO NÚCLEO DA IMAGEM EM MOVIMENTO – NIM / EBA / UFRJ
PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS, ESCOLA DE BELAS-ARTES
GRUPO IMAGINATA - IMAGEM E CULTURA - PPGAV/EBA/UFRJ



Resumo/ Abstract: Este texto aborda a sombra enquanto arquétipo e sua relação com a construção da forma no Barroco Mineiro, notadamente na produção de Antônio Francisco Lisboa, O Aleijadinho, em suas obras para o Santuário de Bom Jesus de Matosinhos em Congonhas do Campo, Minas Gerais, Brasil.

Palavras-Chaves/Keywords: Sombra, Fotografia, Barroco Mineiro, Arqué, O Aleijadinho.

Revista Sans Soleil - Estudios de la Imagen, Vol 8, 2016, pp. 218-223.

www.revista-sanssoleil.com

Recibido: 15-01-2016.

Aceptado: 17-02-2016.

O que me conta uma sombra a respeito do seu objeto? O que pode ela fazer emergir da escuridão? Jung não viu ali a *arché*, ἀρχή, a origem, isso porque humano como todos nós, errou, viu a sombra apenas como algo que segue o sujeito e não também como a companhia que por ele é perseguida. O que pode nascer à sombra senão a origem? Não é ela que desenha o sujeito em todas as direções com suas projeções? Não é naquilo em que nada se vê de onde nascem todas as formas possíveis? É na sombra em que reside *au grand complet* a força de todas as potências. O vigor do ainda irrealizado, justo o que pode porvir, mas que também existe, ao mesmo tempo, como um registro fugidio.

Antônio Francisco Lisboa (Vila Rica, atual Ouro Preto, Minas Gerais, 1738 - idem 1814). Escultor, entalhador, arquiteto, carpinteiro. Personagem importante da história da arte brasileira, Aleijadinho é objeto de diversos estudos e biografias. Seu primeiro biógrafo afirma que ele nasceu em 1730, no entanto, há historiadores que questionam sua paternidade e mesmo sua existência. Estima-se que cresce em Ouro Preto com a família da sua madrasta e do seu pai, o arquiteto português Manoel Francisco Lisboa (? - 1767). Tudo indica ser com ele e com o pintor João Gomes Batista (s.d.) que Aleijadinho aprende as primeiras noções de arquitetura, desenho e escultura... [1]

Onde vai? Para onde me leva? Que segredo me esconde?
Oh, minha sombra...





Poeira dos tempos, pó de pedra-sabão, riscos sobre a obra, marcas e rudes assinaturas de outros *Aleijadinhos* ocultos na sombra de pseudônimos, nomes comuns, tristes sombras. Riscos sobre as obras do mestre que permanece, perdura oculta em suas sombras. A *arché*, a origem dorme na sombra, vive e pulsa lá, conduzindo seu sujeito e projetando-o, debatendo-o em todas as direções por todos os caminhos curvos criados nas dobras em Barroco...

Mas a *arché* oculta na sombra não é destino, é só a essência do ser particular que se projeta em todas as direções, escalando todos os espaços, por todo o tempo enquanto houver luz. Minha sombra me leva longe até onde não posso ir sem me abandonar, sem me perder dela – a minha própria sombra – sem entrar e me misturar na escuridão. Do pó ao pó, da sombra à sombra, do vigor à origem.

E Tanizaki entendeu estas potencias e fez a elas seu elogio:

“...Porque um vaso decorado com ouro moído não foi feito para ser visto de uma só vez, num lugar iluminado, mas para ser vislumbrado em um lugar escuro, em meio a uma luz difusa, que por instantes revela um ou outro detalhe, de tal modo que a maior parte de seu suntuoso decorado, constantemente oculto na sombra, suscita ressonâncias inexpressíveis.” [2]

ARCHÉ OU ARQUÉ (*APXH; ORIGEM*)

Arqué, a minha origem, minhas potências passadas e futuras. Fonte de todo o vigor.

Meu ser... Meu projeto, minhas projeções. Tudo oculto e emergindo da terrível sombra curva, tortuosa e original. A Vida está no *Teatro de Sombras*; o folguedo à luz de velas das mãos e das crianças nas sombras projetadas na parede já proclamavam na origem, a *arché* da forma descrita por Plínio:

“[...]Trabalhando com a Terra, Butades de Sícion, um oleiro, foi o primeiro a inventar, em Corinto, a arte de modelar retratos em argila, graças a sua filha. Ela apaixonada por um jovem que partia para o estrangeiro, traçou numa parede o contorno da sombra de sua face à luz de uma lamparina. Seu pai, aplicando-lhe argila, confecç^onu um modelo e o colocou no fogo para endurecer junto com outros vasos de barro...”[3]

Eis então que a própria Pintura e a Modelagem reconhecem a fonte original de tudo: não é da luz, mas da sombra, o lugar de origem de onde nasceram todas formas.

“[...] Todas as coisas são diferenciações de uma mesma coisa e são a mesma coisa. E isto é evidente. Porque se as coisas que são agora neste mundo - terra, água, ar e fogo e as

outras coisas que se manifestam neste mundo -, se alguma destas coisas fosse diferente de qualquer outra, diferente em sua natureza própria e se não permanecesse a mesma coisa em suas muitas mudanças e diferenciações, então não poderiam as coisas, de nenhuma maneira, misturar-se umas as outras, nem fazer bem ou mal umas as outras, nem a planta poderia brotar da terra, nem um animal ou qualquer outra coisa vir a existência, se todas as coisas não fossem compostas de modo a serem as mesmas. Todas as coisas nascem, através de diferenciações, de uma mesma coisa, ora em uma forma, ora em outra, retomando sempre a mesma coisa.” [4]

O CORPO QUE SOCUMBE À IMAGEM, EXILA O SEU SER À SOMBRA.

Não é por acaso que o corpo de Aleijadinho, o escultor se desmanchou ao dar forma a pedra, ele voltou para a sombra de onde surgiu e agora, de lá, se faz presente, lá na escuridão das suas potências passadas e futuras, com suas memórias e suas apostas. Perdidas ou não.

A Doença

“O certo é que, ou por ter negligenciado a cura do mal no seu começo, ou pela força invencível do mesmo, Antônio Francisco perdeu todos os dedos dos pés, do que resultou não poder andar senão de joelhos; os das mãos atrofiaram-se e curvaram, e mesmo chegaram a cair, restando-lhe somente, e ainda assim quase sem movimento, os polegares e os índices. As fortíssimas dores que de continuo sofria nos dedos e a acrimônia do seu humor colérica o levou, por vezes, ao excesso de corta-los ele próprio, servindo-se do formão com que trabalhava! As pálpebras inflamaram-se e, permanecendo nesse estado, ofereciam à vista sua parte interior; perdeu quase todos os dentes e a boca entortou-se como sucede frequentemente ao estuporado, o queixo e o lábio inferior abateram-se um pouco; assim o olhar infeliz adquiriu certa expressão sinistra e de ferocidade, que chegava mesmo a assustar a quem quer que o encarasse inopinadamente. Esta circunstância e a tortura da boca o tornavam de um aspecto asqueroso e medonho.” [5]



SUA SOMBRA, SUAS VÁRIAS PERSONAS

As esculturas de Aleijadinho, mestre escultor brasileiro do século XVIII, para o Santuário de Bom Jesus de Matosinhos, na cidade de Congonhas do Campo, Minas Gerais, são um marco na história da Arte Barroca Brasileira. Ironicamente, seu corpo, provavelmente acometido da lepra, se desmanchava na medida em que ia construindo graciosamente os corpos dos profetas. Hoje sua presença pode ser sentida nas sombras que se contorcem em curvas de suas estátuas. Sua obra é o que restou de sua Persona e na Sombra dela habita seu espírito.

“Em 1777, é diagnosticado com uma doença grave que deforma os membros de seu corpo, principalmente suas mãos. Mesmo assim, segue seu trabalho, executado com a ajuda de auxiliares. No início dos anos 1790, passa a ser chamado pelo apelido Aleijadinho por conta da sua doença. Em 1796, conclui 64 esculturas de madeira que representam cenas da Paixão de Cristo, em Congonhas do Campo. Três anos mais tarde, finaliza as 12 esculturas dos profetas, localizadas no adro do Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, na mesma cidade.” [6]



EPÍLOGO

O Santuário de Bom Jesus de Matosinhos, perdeu parte de seu charme, é hoje um decadente ponto turístico que não consegue competir com cidades históricas mais procuradas como Ouro Preto e Mariana. No entanto, em meio às suas sombras algo se contorce, preso, mas querendo emergir. Aparentemente, nenhum dos turistas anciões, que habitualmente visitam o lugar, o percebe. Isso porque os homens, desde a mais tenra infância, aprendem a não mais dar atenção a própria sombra.

“(Aleijadinho) Morreu pobre, doente e abandonado na cidade de Ouro Preto no ano de 1814 (ano provável). O conjunto de sua obra foi reconhecido como importante muitos anos depois. Atualmente, Aleijadinho é considerado o mais importante artista plástico do barroco mineiro.” [7]

REFERÊNCIAS

- [1] [6] [7] Extraído de <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8614/aleijadinho>
- [2] *El Elogio de La Sombra*, Tanizaki. p. 36
- [3] *A Pintura. Vol 1 : O Mito da Pintura* , Jacqueline Lichtenstein. p. 86
- [4] *Diógenes de Apolônia in Os Filósofos Pré-Socráticos* . Gerd A Bornheim. p.99
- [5] Extraído da primeira biografia escrita em 1858 por Rodrigo José Ferreira Bretas,

BIBLIOGRAFIA

- BORNHEIM. Gerd A.(Org). *Os Filósofos Pré-Socráticos*. Editora Cultrix. São Paulo. 2013. ISBN 978-85-316-0172-9
- LICHTENSTEIN. J.(Org). *A Pintura. Vol 1: O Mito da Pintura*. Editora 34. São Paulo. 2004. ISBN 85-7326-292-3
- TANIZAKI. Junichiró. *El Elogio da la sombra*. Ediciones Siruela. Madrid. 2000. ISBN 84-7844-258-8
- Fotos: © CARLOS AZAMBUJA – 2014.

